

Do grotesco e do estranho: a presença do rato em “Perdoando Deus”, de Clarice Lispector¹³⁸

Amanda Angelozzi¹³⁹

Resumo

Esta apresentação é um recorte da pesquisa de iniciação científica desenvolvida na FFLCH-USP acerca da presença dos animais na produção contística de Clarice Lispector. São recorrentes, na produção clariciana, experiências reveladoras após o encontro com uma alteridade, sendo uma das alteridades mais recorrentes, os animais. Eles são responsáveis por deslocarem as personagens de seu campo conhecido, mobilizando uma desordem de sua suporta estabilidade subjetiva, desencadeando um processo de desvelamento da realidade. É o caso do rato no conto “Perdoando Deus” (1971). A protagonista da narrativa experiencia a extrema positividade e plenitude ao caminhar pela Avenida Copacabana sentindo-se “mãe de Deus”. Entretanto, este momento de amor sem conflitos é inesperadamente interrompido quando a mulher quase pisa em um rato morto na rua. A partir deste encontro, os afetos se invertem, desencadeando extrema negatividade, desamparo e vingança contra Deus, afetos estes que não estavam no horizonte da personagem até então. O rato, o operador de conflito da personagem protagonista, é descrito de maneira repugnante e grotesca, visto que expõe os subterrâneos que também existem ao lado daquilo que é elevado e sublime – aproximando-se, desta maneira, às ponderações acerca do grotesco, conforme definição romântica de Victor Hugo. Para além, o rato também manifesta o estranho conforme Freud compreende no artigo “Das Unheimlich”, pois traz à luz um medo ocultado da memória consciente da protagonista, causando sensações de desamparo e terror. Na prosa clariciana, a desmontagem do ego construído é quase sempre condição *sine qua non* para um recomeço, sendo o caso desta narrativa, que termina com um princípio de organização que se segue à desorganização. Ao fim, “quase” pisar no rato e passar pelos extremos da vida apresenta-se como uma possibilidade para a revisão do estado de ser no mundo da personagem.

Palavras-chave

grotesco; estranho; rato; subjetivação; outro

¹³⁸ Este resumo expandido, escrito em 2019, conta com versão mais consolidada na *Revista Escrita* (PUC Rio), de 2020, no volume temático *Quanto ao futuro*.

¹³⁹ Amanda Angelozzi possui bacharelado e licenciatura em Letras (Português/Italiano) na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: amanda.angelozzi.silva@usp.br.

Clarice Lispector é uma autora que manifesta um desejo de mergulhar no mais profundo da existência humana, interessando-se em como a estabilidade do sujeito é frágil, podendo a qualquer momento, ruir. Talvez por esta razão, um dos pilares de sua obra sejam os encontros transformadores entre uma personagem e uma alteridade. Muitos *outros* habitam a vasta obra de Clarice, desde um ovo em cima da mesa, até uma rosa que provoca a loucura. As alteridades dentro da produção clariciana possuem como eixo comum, ao encontrarem a personagem, mobilizarem uma desordem subjetiva, desencadeando um processo de desvelamento da realidade.

Aprofundando a discussão, de acordo com a psicanálise, o outro que gera estranhamento na verdade mobiliza a nossa parte alijada da consciência pelo recalque constituidor da nossa subjetividade. De acordo com Neuza Santos Souza ao discutir Freud e seu conhecido ensaio “Das Unheimlich” (1919), o sujeito psíquico carrega em seu interior um eu estrangeiro a si mesmo no campo inconsciente. Por isso, o contato com o outro, de maneira exterior, é tão crucial para mover o interior, a subjetividade, pois acessa o que está reprimido ou mal elaborado dentro de nós. Conforme Souza:

A experiência do estranho parece indicar um momento de ruptura no tecido do mundo, essa teia de véus, imagens, sentidos e fantasmas que constituem o pouco de realidade que nos é dado provar. (SANTOS, 1998: 157)

O outro se manifesta nas narrativas claricianas em situações de tensão, deslocando ou retirando a personagem de sua corrente rotina, potencializando uma crise que coloca em questão o ego construído, visões da existência e dos afetos, levando à vulnerabilidade e desamparo, processo importante, pois faz parte da revisão do estado de ser no mundo.

Este outro, muitas vezes, aparece no texto clariciano como *estranho*, conforme acepção de Sigmund Freud. Do original alemão, a palavra “unheimlich” representa, na verdade, um feixe de significados, dos quais o autor se ocupa em desenvolver ao longo de todo o seu conhecido ensaio. Interessa-nos, neste momento, entender que a experiência do estranho está relacionada a algo da ordem do assustador, do obscuro, do que provoca medo e horror, que deixou de ser próximo e conhecido, deslocando-se de onde deveria se manter escondido, não trazido à luz.

“Perdoando Deus” foi publicado em *Felicidade Clandestina* em 1971 – mas já apareceu um ano antes como crônica no Jornal do Brasil, em 19/9/1970, sendo reunido postumamente em *A descoberta do mundo*, em 1979. Traz como

protagonista uma mulher sem nome, que caminha pela avenida Copacabana em harmonia com a condição de amor que a tomou, sentindo-se “mãe de Deus”:

Eu ia andando pela avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre. [...] Tive então um sentimento de que nunca ouvi falar. Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus [...]. Por puro carinho, mesmo, sem nenhuma prepotência ou glória, sem o menor senso de superioridade ou igualdade, eu era por carinho a mãe do que existe. (LISPECTOR, 1998: 41)

Este estado de amor sublime é rompido inesperadamente após o encontro com um rato morto na rua, causando uma série de movimentos refletivos e agônicos na personagem:

E foi quando quase pisei num enorme rato morto. Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo estilhaçava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais profundo grito. Quase correndo de medo, cega entre as pessoas, terminei no outro quarteirão encostada a um poste, cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver. Mas a imagem colava-se às pálpebras: um grande rato ruivo, de cauda enorme, com os pés esmagados, e morto, quieto, ruivo. O meu medo desmesurado de ratos. (LISPECTOR, 1998: 42)

O choque com a alteridade rato mobiliza um processo tortuoso de ascese às avessas, isto é, que caminha da extrema positividade, à extrema negatividade. A personagem experiencia afetos que, até então, não estavam em seu horizonte, como pânico, medo, decepção e vingança, além de movimentos de fuga e evitação do real através do fechamento dos olhos. Assim, a personagem sai de um lugar de poder – próximo da onipotência – para habitar o lugar frustrante da fragilidade, outro estado que, até então, ao menos no plano da narrativa, ela não conhecia.

A alteridade operadora desta ruptura do tecido do mundo da mulher é um rato, este, que é descrito de maneira terrível: ele possui uma cauda enorme, é ruivo e tem os pés esmagados, adjetivações estas, da cor e dos pés, que marcam sua figura grotesca, meio animalesca e meio humanizada.

Nota-se que a mulher vivencia o que Olga de Sá chama de “o mundo conhecido estranhado” (2004), isto é, a mulher, ao quase pisar no rato, vivencia o

grotesco, outro elemento comum na escrita clariciana. Em comentário sobre a definição romântica de grotesco por Victor Hugo, diz Olga de Sá:

Segundo Hugo, o grotesco nasce quando o homem sente que nem tudo na criação é harmonioso, que o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, e o mal com o bem, a sombra com a luz. (SÁ, 1993: 108)

A experiência com o grotesco na obra clariciana é responsável por mobilizar o mundo interior das personagens através do choque com o outro, este outro que é assustador e repugnante. No caso particular do conto, a protagonista experimenta o contraste dos dois extremos da vida, primeiro uma experiência sublime, em seguida, grotesca. Este confronto com o grotesco é frutífero para mobilizar a subjetividade, pois conforme Victor Hugo:

O sublime sobre o sublime dificilmente produz um contraste, e tem-se necessidade de descansar de tudo, até do belo. Parece, ao contrário, que o grotesco é um tempo de parada, um termo de comparação, um ponto de partida, de onde nos elevamos para o belo com uma percepção mais fresca e mais excitada. (HUGO, 2012: 33)

Partindo da experiência com o grotesco descrita, o entendimento do estranho torna-se mais claro. Se aprofundarmos a noção de “unheimlich”, de acordo com Freud: “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1976: p. 87), e mais adiante, “esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão [...] como algo que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz” (FREUD, 1976: 111).

Desta forma, muito mais do que grotesco, ou seja, repugnante e que desperta medo, o estranho é algo familiar que foi reprimido:

Não era preciso ter jogado na minha cara tão nua um rato. Não naquele instante. Bem poderia ter sido levado em conta o pavor que desde pequena me alucina e persegue, os ratos já riram de mim, no passado do mundo os ratos já me devoraram com pressa e raiva. (LISPECTOR, 1998: 42 – 43)

Segundo a personagem, desde pequena aquele medo à persegue. Quando ela se depara com o rato, ela experiencia o avesso do sublime, o grotesco, e ao mesmo

tempo, experiencia o que se ocultou da memória consciente, que corrobora para a sensação de desamparo e de terror que a toma.

O rato deveria ter sido mantido, literalmente, na escuridão dos esgotos, mas ele é exposto à luz do dia para a personagem, que precisa agora se haver com o que ele representa: o outro extremo dos afetos que também é necessário ser experienciado.

É preciso passar pelo rato, isto é, por aquilo que é feio, grotesco e estranho, aquilo que conduz à ruptura e o desequilíbrio, para atingir um novo equilíbrio, posto que a personagem conhecia apenas uma das extremidades da vida: o sublime carinho maternal por Deus. Assim, o processo de desamparo, que implica na desconstrução do ego construído, vulnerabilidade e questionamento do que era conhecido, faz parte da reelaboração do sujeito. Para Clarice, a desmontagem do ego construído é quase sempre condição indispensável para um recomeço.

Este processo que se adensa e desenvolve contornos ao longo de toda a trajetória narrativa e psíquica da personagem já está posto no acontecimento, já que o “quase” em “e foi quando quase pisei em um rato morto” abre espaço para a possibilidade, no sentido de que a personagem apenas chega perto do “terror de viver”, não caindo no abismo do seu maior medo reprimido e não elaborado, tendo ainda a possibilidade de rever, de voltar, podendo ter o referido “tempo de parada”, sobre o qual Victor Hugo fala. No caso, o tempo de parada desta ruptura do tecido de seu mundo é assumir o processo que é o perdão, bem como o processo de desenvolvimento subjetivo, que perdura toda a vida.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Joel Rosa de. *A experimentação do grotesco em Clarice Lispector: ensaios sobre literatura e pintura*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

FREUD, Sigmund. “O estranho”. In.: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HUGO, Victor. Trad. Célia Berrettini. *Do grotesco ao sublime*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KAHN, Daniela Mercedes, *A via crucis do outro: identidade e alteridade em Clarice Lispector*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARTINS, Gilberto Figueiredo. “Um passeio pelas ruas do Rio - O espaço do perigo”. In: *Estátuas invisíveis: experiências do espaço público na ficção de Clarice Lispector*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2010.

ROSENBAUM, Yudith. *Metamorfoses do Mal: Uma Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2006.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 2ª ed. Petrópoles: Vozes, Lorena: Faculdades Intergradadas Tereza D’Avila, 1979.

_____. *A travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 2004.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Laços de família e Legião Estrangeira”. In: *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópoles: Vozes, 1973, pp. 180-211.

SOUZA, Neusa Santos. “O estrangeiro: nossa condição”. In: KOLTAI, Caterina (org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998, p. 155 – 163.

WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: A paixão segundo C. L.*. São Paulo: Editora Escuta, 1992.